

---

---

## Acting out: *um meio de comunicação na análise de adolescentes e crianças*

A fisionomia do processo psicanalítico na adolescência varia de acordo com o momento de desenvolvimento cronológico. Jovens que estão na primeira fase da adolescência, próximos ao final do período de latência, caracterizam-se pelo aspecto misto como apresentam o conteúdo do seu mundo interno. A comunicação durante as sessões caminha para o predomínio de elementos verbais, mas ainda necessitam do apoio lúdico, por meio dos quais realizam projeções do conteúdo inconsciente, por meio de desenhos, jogos, sonhos dramatizações e atuações *acting out*. Adolescentes maiores comunicam-se com linguagem verbal e não-verbal. A comunicação não-verbal engloba as dramatizações, que possuem um conteúdo simbólico, e manifestações através da conduta, que contêm elementos de comunicação pré-verbal. Entre elas está o *acting out* (atuação). Muitas vezes, tais manifestações são de caráter defensivo, mas não se pode tomar isso como regra.

Vale lembrar que qualquer mecanismo psíquico pode tornar-se um elemento defensivo, dependendo da função e da intensidade com que ele se manifesta na relação.

Uma ação pode ser defensiva para um sistema, e estar a serviço da comunicação de outro sistema ou nível de estrutura egóica. Uma ação que expresse um ataque ao pensamento do analista, enquanto capacidade de formular pensamentos, pode ser reveladora de uma busca desesperada de “apego”, de formação de vínculo, de pavor do espaço vazio. O controle onipotente do objeto externo, em vez de ter um cará-

ter exclusivamente destrutivo, é também uma via de expressão da importância do relacionamento com o objeto real externo na organização do mundo interior.

À medida que o adolescente evolui cronologicamente, o material lúdico torna-se menos necessário, pelo desenvolvimento de novas aptidões cognitivas e comunicativas. O uso de jogos pode ainda persistir como uma forma de transição, o qual às vezes adquire o papel de objeto intermediário, transicional, entre a verbalização simbólica e uma comunicação apoiada em elementos concretos.

As atuações, independentemente da idade, prosseguem e constituem-se numa modalidade de comunicação. Elas atenuam-se com o desenvolvimento de uma capacidade maior de transformar a liberação direta da pulsão em pensamento.

As características do mundo mental do adolescente referentes ao processo de identificação estão descritas no capítulo 3. Como já foi assinalado, as atuações são manifestações freqüentes da vida mental dessa faixa etária, e identificáveis pela conduta dos jovens.

Na análise de adolescentes e crianças, é freqüente o analista viver situações de grande impacto emocional, impulsivas, violentas, que atingem diretamente sua pessoa. Podem ser manifestações verbais, mas geralmente são atitudes motoras que colocam analista e analisando numa relação tão direta que pode chegar ao contato corporal.

Esses comportamentos podem ter múltiplas funções dentro da relação transferencial: controle onipotente da relação, temor à perda do objeto libidinal, tentativa de perturbar a capacidade de pensar do analista, etc.

Em quaisquer dessas condições, considero que existe sempre uma comunicação. Alguma mensagem inconsciente está presente, mesmo que a atitude manifesta tenha um caráter voluntário e intencional.

A esse fenômeno, presente em todas as análises, em especial na análise de crianças e de adolescentes, dá-se o nome de *acting out*. O emprego dessa expressão inglesa está consagrado no meio psicanalítico brasileiro.

No presente trabalho, restringirei o uso do termo às manifestações que se passam dentro do *setting* analítico. Esse fenômeno, freqüente na criança pequena, tende a diminuir com a evolução da idade, para recrudescer na adolescência. Em casos de maior gravidade, nas psicoses, caracteropatias, *borderline*, o impacto do *acting out* faz-se sentir.

Entretanto, em crianças pequenas e lactentes, não é um atributo indicador de gravidade, pois o encontramos em pacientes razoavelmente equilibrados. Na adolescência, devido à emergência maciça dos núcleos primitivos durante o processo de identificação, essas manifestações são freqüentes. Quando o *acting out* faz-se de forma intensa e repetida, pode servir como um alerta ante uma personalidade com alto risco de se estruturar de forma psicopatológica.

Autores como Etchegoyen (1987) consideram o *acting out* como uma patologia que bloqueia o processo psicanalítico. O *insight* e a elaboração representam, para esse autor, os propulsores do processo. Eu prefiro compreender o *acting out* como uma manifestação do processo primário, quer ocupando uma função defensiva, quer como meio de comunicação de estados primitivos da mente, cuja compreensão possibilitará alcançar o *insight* e a elaboração.

São situações muito difíceis de serem trabalhadas, mas ricas em significados, nem sempre traduzíveis em palavras, por expressarem situações pré-simbólicas ou em início de representação da vida afetivo-emocional, em que self e objeto encontram-se insuficientemente discriminados.

Tentarei expor aqui algo sobre minha experiência e idéias a respeito do *acting out* como forma de comunicação pré-verbal. A expressão pré-verbal refere-se a uma forma de comunicação não-verbal, que antecede a forma verbal dentro do processo evolutivo de desenvolvimento. A comunicação não-verbal, como a dramatização, contém uma linguagem interior simbólica.

O *acting out* é um fenômeno psicológico que surge na transferência, como defesa ou na emergência de sentimentos muito primitivos. São pacientes cuja capacidade simbólica encontra-se pouco desenvolvida, ou regredida a estados mentais nos quais a via motora torna-se o meio de expressão dos afetos e do pensamento.

Cabe recordar que Piaget (1990) refere-se ao pensamento sensorio-motor como a primeira fase do desenvolvimento das capacidades cognitivo-afetivas. Entendo que, nessa fase, a atividade motora participa intensamente na expressão dos afetos, da vida intelectual, e antecede a comunicação simbólica.

F. Klein e Debray (1975) referem-se ao *acting out* como sendo atos impulsivos que traduzem a emergência do reprimido sem elaboração secundária.

W. V. Silverberg (1955) entende o *acting out* como uma forma de resistência, um ataque ao processo de pensar e uma dramatização manifesta de uma transferência.

M. Klein (1932) assinala que a “inibição das tendências epistemofílicas, a repressão da vida imaginativa, a incapacidade para tolerar frustrações e a adaptação excessiva às exigências educativas favorecem o *acting out*”.

Para Laplanche e Pontalis (1973), “é no surgimento do *acting out* que o analista vê a marca da emergência do reprimido”, e acrescentam que “se por um lado essas ações contêm uma tentativa de ruptura da relação analítica, é por meio da compreensão do seu conteúdo afetivo que se pode dar prosseguimento ao processo analítico”.

Anna Freud (1968) afirma que o conceito de *acting out* na criança perde muito de seu significado, principalmente nas crianças pequenas, que não cooperam com a livre associação, e raramente com a interpretação dos sonhos, fatores importantes no processo que permitem recordar as experiências passadas. Essas crianças, antes do período de latência, são incapazes de guardar os impulsos dentro da esfera psíquica. Ao contrário, não pensam, não falam, mas agem motoricamente; essas são suas legítimas formas de expressão e comunicação.

A autora considera essas características adequadas ao comportamento da criança, e as classifica, antes do período de latência, como *Acting out patients*. Nesses casos, o fenômeno é determinado pelo desenvolvimento e não carrega o mesmo significado que possui em épocas posteriores da vida.

Eu estendo essa condição aos adolescentes, principalmente quando se encontram no auge da crise de identidade. Nessa oportunidade, o primitivo emerge, imbricando com os aspectos atuais da personalidade.

Para ilustrar essas idéias, sugiro a leitura do caso de um adolescente apresentado no capítulo 10.

Exemplifico também relatando trechos de sessões da análise de Alberto, um menino de 8 anos de idade cujo caso ficou conhecido como “o caso das bolachinhas”, apresentado no XXXV Congresso Internacional de Psicanálise da IPA, Montreal, 1987.

## CASO CLÍNICO

Este paciente permaneceu em análise durante aproximadamente quatro anos, de início com quatro sessões semanais, depois reduzidas para três.

Alberto foi trazido ao analista por apresentar transtornos de comportamento de caráter anti-social: insubordinação, rebeldia incontrollável, não aceitação de regras habituais de convivência, voraz, obeso, agitado, autoritário, violento e ansioso.

Entretanto, mostrava-se carinhoso, meigo, afável, educado, sedutor e obediente, até alcançar seu objetivo. Passou durante os últimos anos por várias escolas, das quais havia sido expulso devido às dificuldades em se adaptar às normas. Reagia violentamente quando contrariado. Era o primogênito de uma prole de dois. Seu irmão, quatro anos mais novo, nasceu após três abortos de três, quatro e cinco meses, respectivamente. Foi o primeiro neto das famílias materna e paterna.

Alberto começou a preocupar os pais por volta dos dois anos de idade, em decorrência de sua agitação, coincidindo com o início da vida escolar. Era rebelde, isolava-se das crianças, não partilhava suas coisas com os companheiros.

Seu irmão nasceu prematuro de sete meses e requereu cuidados especiais. Após o nascimento do irmão, sua agitação e desobediência pioraram. Regrediu em seu comportamento, perdendo o controle urinário noturno.

Alberto ressentiu-se dessa situação. A ansiedade aumentou. Comia excessivamente, tornando-se obeso. O rendimento escolar decaiu, dando início a uma peregrinação por várias escolas. Os pais procuraram um atendimento especializado, de curta duração, recorrendo em seguida a mim.

Em nossa primeira entrevista, eles manifestaram-se alarmados com o fato de Alberto demonstrar prazer em desprezar crianças e adultos, principalmente quando percebia que sua atitude perturbava o outro.

Era muito apegado à mãe. Estava em constante conflito com ela, por meio de demandas e desafios. Com o pai, severo e autoritário, seu comportamento era mais adequado.

Na tentativa de adaptá-lo ao convívio social, os pais usavam diferentes métodos corretivos e educacionais. Parecia não sentir culpa ou

arrependimento pelos transtornos que ocasionava. Chorava com frequência. Agia com violência física, roubos, fugas e mentiras. Muito agressivo com o irmão, a quem sentia como preferido dos pais. Inteligente, tinha razoável aproveitamento escolar, apesar de seus transtornos. Seus pais são religiosos, não ortodoxos. Nas aulas de religião sua adaptação era melhor.

Durante as primeiras sessões, trazia sua mãe para a sala de análise. Mostrava-se uma criança indefesa, dependente, não podendo suportar a separação. Havia um jogo entre mãe e filho, no qual ela insistia para que ele me contasse o que havia dito a ela fora da sessão, e ele, por sua vez, pedia que ela o fizesse.

O clima entre ambos era de aparente enamoramento ante o temor pelo estranho ali presente, camuflando um aspecto mais profundo, de grande tensão.

Vencida essa primeira etapa da análise, moduladas as primeiras ansiedades, outros aspectos de Alberto foram surgindo: agressivo, despotico, tirano, sedutor, competitivo, insaciável.

Pouco desenhava, e pouco brincava. Permanecia longos períodos diante de sua caixa sem saber o que fazer. Pedia-me insistentemente sugestões, as quais eu interpretava como o desejo de corresponder àquilo que ele julgava serem minhas expectativas sobre ele. Algo como reproduzir comigo as expectativas de ser o primeiro filho, o primeiro neto.

Passou a entremear situações hostis, como atirar objetos pela janela, ora em resposta a alguma frustração, ora pela aproximação do término da sessão. As angústias ante a perspectiva de separação eram evidentes. Ceder seu lugar para outro paciente, por coincidência outra criança, a qual já havia encontrado na sala de espera, representava uma grande ameaça para ele.

Gostava de brincar com água, e não aceitava limites. Queria inundar a sala, afogar a todos. Eram situações ligadas a nascimento e morte, provavelmente associadas aos abortos da mãe, ao nascimento do irmão e à falta de continência. A excitação e os ataques eram crescentes e dirigidos diretamente contra mim, manifestando claramente suas defesas maníacas.

Parecia sentir um prazer sádico em me mobilizar para contê-lo fisicamente e transformar a relação numa luta entre gato e rato. As interpretações nesse sentido envolviam fantasias ligadas a sentimentos de incorporar-se e incorporar o corpo materno, de inveja e destruição do pê-

nis poderoso do pai, de destruição dos bebês ameaçadores. Havia ainda o desejo de controlar meus sentimentos, meu corpo, o prazer de penetrar em mim, não só representados pelas tentativas de inundação da sala, mas pelas cuspidas, chutes, interrogatórios e insultos.

Na relação transferencial evidenciava-se o desejo de receber toda a atenção, bem como seu temor de perder o objeto amoroso. As reações eram violentas e furiosas. Os *acting out* pareciam possuir a intenção de me perturbar, de me distrair, de interromper meu fluxo associativo, enfim, atacar minha capacidade de pensar. Talvez se tratasse de uma reação defensiva contra a percepção de seu mundo mental primitivo.

Era também um meio pelo qual podia expressar angústias primitivas de caráter oral e anal sádicas.

A atividade lúdica dentro da sessão era intensamente dramatizada. Eu procurava diante das atitudes concretas de agressão, quando, por exemplo, dramatizava ser um super-herói cruel, dissimular o caráter hostil introduzindo uma cantiga suave, envolvendo-o com meus braços, firme e carinhoso como se estivesse aconchegando um bebê desamparado.

Essas atitudes acompanhadas de verbalização (quando era possível, quando havia em mim espaço mental para elaborar e transmitir a compreensão ocorrida) permitiram a Alberto dramatizar situações muito regredidas, nas quais ele encenava ser um bebê insaciável.

Parecia buscar uma aderência constante em termos de encontrar, concretamente, um continente, um analista-mãe que pudesse receber e modular suas angústias, para poder construir, por meio da relação analítica, novas relações com seus objetos internos. O temor à perda dessa condição desencadeava reações de extrema violência, as quais, acredito eu, eram sentimentos ou emoções ligadas a fantasias inconscientes muito primitivas, e que só podiam ser expressas através do *acting out*.

A primitividade desses conteúdos, bem como a baixa capacidade de simbolização para vivências ocorridas em momentos precoces do desenvolvimento evolutivo, não encontrava outros meios de expressão.

Miller de Paiva (1968), em seu trabalho “Atuação transferencial ou *acting out*”, afirma que “a criança, à medida que amadurece, reduz sua atividade motora, pois ganha *insight* e sentido de realidade. Para restringir a atividade motora, o indivíduo utiliza-se do desenvolvimento da ideiação. A atuação, por vezes, funcionaria simplesmente como a repetição de uma fase do desenvolvimento ontogenético, na qual o in-

consciente só teria como forma de expressão o ato”. Esses fatos confirmam-se, integralmente, em minha experiência analítica.

A partir da fase em que Alberto pôde dramatizar o bebê frágil e ameaçado existente dentro de si, houve uma exacerbação em frequência e intensidade na produção do *acting out*.

A angústia vivida na relação transferencial, bem como as reações contratransferenciais, refletia, por meio de poderosas identificações projetivas maciças (Bion, 1965), o intenso caos interior.

Alguns aspectos do paciente pareciam favorecer a produção do *acting out*: temor à perda do controle onipotente, baixa tolerância à frustração, temor à perda do objeto amoroso, confronto com a realidade de não encontrar no analista a realização de seus desejos e a impossibilidade de resgatar em algum canto do seu universo os pais idealizados.

Tais situações, carregadas de intenso ódio e prazer sádico, invadiam-me, tentando me colocar em dificuldades reais. Alberto, ao término das sessões, desenvolveu um ritual de espalhar pela sala o conteúdo de sua caixa, ou sujava-me com tinta, ou pegava algum pertence da sala e saía correndo do consultório. Qualquer tentativa de interpretação ou de interdição só produzia efeito contrário, incrementando as atuações.

Por mais que me controlasse, no sentido de não deixar transparecer meus sentimentos, ele os percebia, e esse era seu trunfo.

Em algumas ocasiões não havia discriminação entre analista e analisando. As identificações projetivas eram tão intensas que não se discriminavam os aspectos psicóticos de um e de outro.

Ficam dúvidas se eram aspectos de Alberto colocados em mim e vívidos contratransferencialmente, ou se eram aspectos meus detoados pelas atuações do paciente. Eram momentos nos quais parecia não existir uma diferenciação entre dois indivíduos, entre um universo e outro, entre mundo interior e exterior.

Por meio dessas externalizações, julgo que a criança pode entrar em contato com seu mundo interno primitivo e mais evoluído. Nos momentos regressivos, de maior ansiedade, torna-se difícil para ela discriminar o que é interno e externo, mundo de fantasia e mundo real, primitivo e evoluído vivenciando na transferência, concretamente, sentimentos e fantasias que nutre pelo self, objeto e self-objeto indiscriminados.

Nessas situações o paciente pode tomar consciência e discriminar o interno do externo, as diferentes partes que compõem o seu uni-



verso mental naquela circunstância, o que abrirá condições para melhor integração de sua personalidade.

Meltzer (1971) afirma, em *O Processo Psicanalítico da Criança ao Adulto*, ao se referir à organização do espaço vital da criança, que “as suas relações internas estão em fluxo constante, mas a diferenciação entre interno e externo é constantemente mascarada pela externalização da situação interna e pela sua transformação em *acting out*”. Mais adiante, acrescenta: “O fluxo em relações internas e a fluidez de transição para o *acting out* são a ordem do dia nas crianças, e justamente esse fluxo e essa fluidez são as principais facetas de sua disponibilidade para a aproximação analítica”.

A incapacidade de Alberto para fazer essas discriminações era transitória e momentânea. Com a diminuição das ansiedades persecutórias e a recuperação da capacidade de pensar, podiam-se interpretar as fantasias inconscientes. Seus sentimentos de triunfo eram evidentes tanto quanto eram evidentes suas projeções no sentido de que o vazio, o fracasso e a dor ficassem com o analista.

Com a regressão e o *splitting*, vinham perturbações do senso crítico e de discriminação da realidade, dando a impressão de grave perturbação mental, confirmando as observações de Greenacre (1971). Em minha experiência analítica com crianças pequenas, em período de latência e adolescentes, esses aspectos podem ser transitórios até que eles possam representar seus conflitos por meio da atividade lúdica e verbal.

Em relação à transitoriedade das atuações, Koch e Blay Neto (1967) afirmam que “o *acting out* é uma atuação temporária e desarmoniosa, na qual há uma regressão parcial da personalidade”, o que, a meu ver, na criança e no adolescente não são sinais patognomônicos de gravidade estrutural da personalidade.

Quero dizer que, apesar da intensidade e violência do comportamento manifesto, tais expressões podem ser frutos de um ego frágil, regredido, ou a ação de um superego rígido e exigente, mas isso não implica rigidez estrutural. A confirmação dessa hipótese está na observação da facilidade com que crianças e adolescentes entram e saem desse estado, bem como pelas transformações que ocorrem por meio das interpretações e do *insight*.

Também pude observar que os *acting out* possuíam um significado defensivo, decorrente de angústias persecutórias surgidas diante do encontro com o novo, sugerindo que as mudanças de estado mental,

quando acompanhadas de grande impacto emocional, favorecem o surgimento de atuações.

A aproximação do término da sessão e o fato de o seu espaço vir a ser ocupado por “um seu irmão” de análise, acrescidos do fato de ter de sentir a impotência de não poder impedir meu desejo de encerrar a sessão, despertavam em Alberto intenso ódio. Nesses momentos, seu comportamento parecia expressar o desejo de deixar algum resto seu em mim, ou de levar algo meu com ele. Era como se antes de partir tratasse de ocupar, concretamente, algum espaço em minha mente, mediante a destruição, o roubo e a fuga.

Com o *acting out*, Alberto estava exteriorizando aspectos da dinâmica de seu mundo interior, bem como tentando, objetivamente, ampliar seu espaço mental e experienciar aspectos de sua identidade.

Esses elementos emocionais com os quais procurava impregnar a mente do analista pareciam conter intensos componentes sádicos e coprofílicos, associados a desejos amorosos de poder colar-se a mim, numa fusão, como se um fosse parte do corpo do outro.

Talvez seja esse estado mental que Meltzer (1975) chamou de “identificação adesiva”. A concretude de tais ações tendia a ocupar um espaço real em minha mente. Ainda que eu interpretasse ou tentasse colocar limites, ou lhe explicasse as vantagens que poderia usufruir buscando outras vias de expressão e modo de relação por meio do brincar, do desenhar, do falar, meus esforços não colaboravam para a diminuição do *acting out*.

Pude perceber que minha atitude mental de continência, de transformar a agressão em algo suportável, descaracterizando-a como agressão por meio da transformação numa atividade lúdica e amorosa, não me deixando contaminar com o ritmo acelerado que ele tentava imprimir à sessão, tinha um efeito interpretativo. Minha resposta inconscientemente funcionava como um meio de comunicação e expressão de minha contra-identificação projetiva.

Estes *acting out* continham, também, mecanismos defensivos maníacos, por meio dos quais Alberto lutava contra os sentimentos de perda, de castração, e outros que lhe despertavam intensa dor. Alberto fazia-me sentir na pele tais sofrimentos.

Considero que as vivências desses conflitos intensamente regressivos, ligados às figuras parentais, à dinâmica das relações de objetos parciais, aos mecanismos de defesa e inter-relações precoces do

ego entre as diferentes instâncias psíquicas, exteriorizavam-se, denunciando pontos de não-aquisição, ou diminuição da capacidade discriminatória entre mundo interno e externo.

A expressão dessas manifestações só podia ocorrer por meio de atuações transferenciais. Isto é, nem tudo o que se passava na transferência era revivescência do passado reprimido. Muitas manifestações transferenciais, inclusive o *acting out*, podem ser fruto da experiência do aqui e agora da sessão analítica.

Por outro lado, creio que o paciente, para elaborar seus conflitos e atuações, precisava encontrar um analista que tivesse desenvolvido condições pessoais para lidar com situações tão primitivas: disponibilidade interna para lidar com crianças e adolescentes em situações intensamente regressivas, relacionadas a sentimentos de aderência, fusão, vazio, abandono, penetrar, destroçar, angústias persecutórias, de despedaçamento, de ex ou implosão, que requerem uma importante capacidade negativa para suportar descargas emocionais intensas.

Atribuo um valor importante à análise dos conflitos primitivos do analista como elemento de desenvolvimento na habilidade em lidar com o *acting out*.

Os analistas que trabalham com crianças e adolescentes, que são poucos, acabam tendo maior facilidade de acesso às camadas mais profundas do inconsciente quando comparados àqueles profissionais que se restringem a trabalhar com pacientes adultos pouco comprometidos.

Outro aspecto que desejo assinalar refere-se à velocidade e ao tempo de processamento dos fenômenos psíquicos durante o *acting out*. Em análise de adolescentes, mas principalmente na de crianças, há momentos em que os movimentos mentais do paciente são muito rápidos e carregados de condensações. Durante os *acting out*, a intensidade das identificações projetivas e cisões faz com que a noção de tempo interno e a capacidade de elaboração do analista tornem-se perturbadas e, por vezes, contaminadas pelos impulsos e fantasias do paciente.

Decorrido um espaço de tempo, é como se a poeira levantada no ar por um *pé-de-vento* se assentasse. Com a diminuição das ansiedades, analista e analisando retornam a um estado mental menos regredido, e o processo secundário se recupera. Ambos tornam-se mais aptos a pensar, a ouvir e a falar. As elaborações, conseqüentemente, tornam-se mais viáveis e produtivas.

Às vezes, apenas a capacidade de conter, de receber e assimilar os impulsos já possui em si o valor de uma interpretação verbal, a qual poderá vir a ser complementada em outro momento, quando a oportunidade aparecer. Talvez seja algo semelhante ao que pode uma mãe tranqüila fazer ao aconchegar ternamente seu bebê em crise de desespero, decorrente de algum mal interno e desconhecido que o ataca.

Penso que essa capacidade criativa do analista de encontrar em seu inconsciente um caminho que lhe permita penetrar no mundo inconsciente de seu paciente corresponde ao aspecto criador do artista. O lidar com o *acting out* é, a meu ver, uma dessas artes. O analista requer habilidade, plasticidade mental, inventividade, precisa de uma boa dose de “bom humor”, jogo de cintura, e saber lidar, razoavelmente, com seus aspectos narcísicos para usufruir dos aspectos comunicativos e construtivos do *acting out*.

Durante a análise de Alberto e em outros casos em que o *acting out* fez-se presente pude, em algumas dessas situações, utilizar-me de “artefatos técnicos” que talvez possam ser considerados como “não-analíticos”, mas que colaboraram para o andamento da análise e, principalmente, para a manutenção do vínculo, favorecendo a transferência positiva. Nesse sentido, foi tolerado que Alberto, vez por outra, levasse para sua casa algo de sua caixa ou da sala de trabalho.

Em uma ocasião, Alberto descobriu que havia, num armário próximo daquele onde guardava sua caixa, uma lata de bolachas. Por vezes manifestou o desejo de recebê-las ou tentou apanhá-las à força. Foi impedido, e a sua ação interpretada. A ação repetiu-se durante certo tempo, acompanhada de fortes crises explosivas e múltiplas agressões.

Numa dessas oportunidades resolvi dar-lhe algumas bolachas, sem nenhuma interpretação. Alberto saiu tranqüilo. A situação se repetiu e, dessa vez, interpretei sua necessidade de poder sentir concretamente que era querido, e também de poder levar consigo algo meu de bom, que pudesse sentir, palpar, colocar dentro de si como o leite que sai de um “pênis-seio” e que alimenta o bebê.

Outras interpretações foram feitas com o desenrolar das sessões, ligadas a fantasias com os pais e irmãos (vivos e mortos) que tanto o ameaçavam. Essas atuações tornaram-se menos freqüentes até que lhe disse que já não precisava mais insistir para ganhar as bolachas, pois já podia sentir o afeto de outra maneira.

Assinalei que ele também estava podendo demonstrar o que sentia por mim, por meio do que me falava, e que se sentia alimentado por outros modos, que não só as bolachas. Alimentava-se do nosso encontro e do conhecimento que estava tendo de si. Era uma outra forma de sentir-se querido. Uma ou outra vez ainda me pediu bolacha, mas agora já era um jogo para me colocar à prova ou me seduzir.

Creio que tais procedimentos “não-ortodoxos” em análise, quando espontâneos, podem contribuir para fortalecer o ego primitivo do paciente até que haja condições para que se façam interpretações verbais, sem que estas sejam vividas como intensamente agressivas. É a vivência concreta, na transferência, de algo muito primitivo da relação mãe/bebê, no sentido de caracterizar o sentimento de existir, de desejar, de controlar, e portanto, de ser desejado e amado.

A atitude de dar as bolachas, ainda que contenha um aspecto defensivo contratransferencial, é uma comunicação pré-verbal compreensível para o paciente, num momento em que a mente encontra-se regredida a estágios primitivos, nos quais a verbalização ainda não adquiriu o seu significado simbólico.

Acrescento que isso se passa tanto no analisando quanto no analista. É o gesto espontâneo que surpreende e comunica algo inalcançável pela palavra. O inefável da relação analítica. No capítulo 10, “Idioma sem Palavras: o Inefável da Relação Analítica”, ilustro mais uma vez outras manifestações que confirmam essas idéias.

Volto a chamar a atenção para os aspectos contratransferenciais, pois, a meu ver, eles podem ajudar a nortear os caminhos para a compreensão e seleção da melhor maneira de se lidar com os *acting out*. Dou muita importância à consciência que o analista deve ter de si, de sua disponibilidade afetiva para ser continente, bem como suas oscilações, suscitadas pelo paciente e/ou decorrentes de sua própria vida emocional.

Ocorreram momentos, durante a análise de Alberto, em que foi necessária a interrupção da sessão, pela dificuldade do analista em poder suportar a intensidade das manifestações do paciente. Essa atitude, que por um lado me frustrou, contribuiu para que Alberto entrasse em contato com a realidade dos limites do analista, e o analista também pôde, por meio de reflexões, troca de idéias com colegas, em sua própria análise e supervisão, identificar indicadores de seus próprios limites.

Alberto tentava, freqüentemente, ampliar o espaço físico do *setting* analítico. As atuações dessa natureza foram interpretadas como

fruto de fantasias ligadas à incorporação, rivalidade e destruição das figuras parentais, projetadas no analista-pai, sem sinais evidentes de transformação. Posteriormente, pôde ser identificado que esses *acting out* tinham outros significados, relacionados aos desejos de ampliar seu espaço mental.

Alberto utilizava esse espaço, inicialmente físico, no qual podia representar seus conflitos interiores, até alcançar maior desenvolvimento e representá-los de modo simbólico, em um espaço mental virtual.

Dessa forma, ao abrir mão do controle onipotente do objeto, pôde discernir melhor, a partir da experiência concreta, as diferenças entre o objeto imaginário e o real. Com o desenvolvimento de um espaço mental, pouco a pouco descobriu as vantagens ou a necessidade de transformação do ato motor em ato simbólico, por meio da comunicação verbal. Para o lado perverso da personalidade, isso representava uma perda, mas para o lado que o impulsionava para o desenvolvimento, sentir-se aceito e respeitado representava gratificação, inclusive quanto à possibilidade de preservar o vínculo e os objetos reais.

Diante da minha percepção das dificuldades e sofrimentos que vivia com Alberto, durante os momentos de atuação e contra-atuação, muitas vezes só discriminados *a posteriori*, pude captar os sofrimentos do paciente depositados em mim. Pude perceber meus sofrimentos, por meio de sentimentos de impotência diante da violência e crueldade dos seus atos, da força do seu superego, e por meio de minhas frustrações, devidos aos contrastes súbitos de comportamento e de estado mental do paciente dentro da sessão.

Isso me levava, por vezes, à condição de ter de me resignar diante de tal realidade externa e interna, dele e minha. Creio que tais sentimentos, projetados e vividos sensorialmente por mim, traduziam o mundo interior do paciente, que ressoava em algo também existente em mim e que, agora, eu podia transformar em pensamentos verbais. Abria-se, assim, para Alberto, a possibilidade de optar entre permanecer no seu padrão habitual de relação ou buscar e ampliar novas vias de comunicação, com meios mais elaborados e simbólicos, por meio da linguagem verbal, dos desenhos, do teatro, e dos jogos que pouco a pouco fomos construindo.

Progressivamente Alberto pôde brincar e dramatizar, de maneira mais simbólica, fantasias de poder, de dependência, de subserviência e de autonomia, por meio de um jogo dramatizado de rei e escravo.

A crueldade dos impulsos, a rigidez do superego e a fragilidade do ego estavam sofrendo transformações. As regressões passaram a ser menos intensas. Alberto podia falar, desenhar e associar mais livremente. Os *acting out* não se encerraram, mas tornaram-se menos frequentes. Sua flexibilidade mental e a capacidade de representação simbólica estavam se ampliando. A vida social e escolar tornou-se mais estável e produtiva.

Na relação objetiva com os pais ainda persistiam muitos modelos primitivos de relação. Os pais, por outro lado, negavam-se a receber qualquer orientação sistemática. Iniciaram uma terapia de casal e a interromperam, com medo de que esta pudesse levá-los a uma desintegração familiar.

As características da dinâmica familiar levavam-me a pensar que um dos aspectos do *acting out* de Alberto na relação com os pais tinha a finalidade de uma rebelião positiva. Era a forma como ele podia manifestar seus protestos, no sentido de “alertar as autoridades constituídas”, os pais, de que algo estava perturbado na relação entre eles.

Os *acting out* sinalizavam também a existência de uma busca de autonomia, de uma luta, ainda que com armas inadequadas, pela conquista de um espaço vital e mental próprios. Representavam algo de vida, impulsionado por aspectos narcísicos de preservação. Não de vida física, mas da possibilidade de se sentir um ser pensante e desejante, respeitado em sua autenticidade de sentimentos.

Concordo com Greenacre (1971) quando salienta que a desproporção entre a verbalização e a atividade motora constitui-se num problema à intervenção psicanalítica. Existe a necessidade de colocar limites. Não são desejáveis, para a análise, intensas regressões antes que o ego esteja mais estruturado. O *acting out* não deve ser provocado. Penso ser construtivo oferecer à criança um parâmetro objetivo da realidade. Entretanto, não posso concordar que o *acting out* seja uma “patologia do processo” psicanalítico, conforme defendem outros autores, de acordo com Etchegoyen (1987).

Quando o *acting out* se manifesta, é importante diferenciar, quanto à sua função na relação, entre aquele no qual o terapeuta não pode elaborar o significado do conflito transferencial/contratransferencial daquele cuja atuação permite comunicar e integrar-se terapêuticamente, como assinalam Blay Neto (1977) e Knobel (1980).

Feita essa distinção entre o *acting out* útil e o desintegrativo, quero salientar que as interpretações intempestivas também podem fa-

vorecer o *acting out*. Segundo Lebovici e col. (1963), “quando o terapeuta fala para interpretar, ele corre o risco de atravessar depressa demais o sistema de defesa, de mobilizar representações inconscientes”, ante as quais o paciente ainda não possui um ego suficientemente organizado para poder expressar o conteúdo de sua vida inconsciente por outras vias que não o *acting out*.

As interpretações intempestivas podem ser manifestações contratransferenciais, como defesa ante as angústias despertadas pelas respostas motoras do paciente, como nos mostra Greenacre (1971), agindo na gênese do *acting out*.

Alberto, nos momentos que antecediam o término da sessão, tornava-se agitado. As angústias e fantasias que surgiam pela ameaça de separação incrementavam as manifestações motoras; virava o conteúdo de sua caixa no chão, cuspiu em mim, jogava os móveis, tentava agredir-me fisicamente, negava-se a sair da sala. Essa situação despertava em mim forte angústia, levando-me, por vezes, a desencadear um fluxo interpretativo com o intuito de livrar-me do sofrimento, ou brecá-lo, formando-se um círculo vicioso de atuações e contra-atuações.

Noutra ocasião, durante uma sessão de análise de uma adolescente, após uma separação prolongada, a paciente falou ininterruptamente durante mais de 30 minutos. Fui me sentindo angustiada, entupido, com náuseas. Subitamente interrompi-a, e, como num refluxo, interpretei o acúmulo de restos emocionais não ou mal elaborados durante a separação. A paciente, de pronto, retrucou furiosa: “venho aqui descarregar meu caminhão de melancias e você quer que eu as engula, como meu próprio vômito”.

A esse respeito, Diatkine e Simon (1973) referem-se a “uma soma de identificações, que permite uma emergência pulsional que leva ao prazer e à angústia do *acting out* durante a qual o ego da criança regride”, o que leva a uma extinção das trocas verbais. E acrescentam: “Essa regressão não é durável, uma vez que a criança se acalma”, quando então recupera sua capacidade de comunicação por meio da atividade lúdica e verbal.

É provável que, no caso dessa adolescente, após eu ter suportado, por certo tempo, a condição de depositário, ou de “seio latrina”, na expressão de Meltzer (1971), tive a necessidade de “vomitar” sobre a paciente, tanto para me aliviar como para encontrar uma forma involuntária de ter acesso às camadas mais profundas do meu inconsci-



ente. A percepção do meu mal-estar, e conseqüente contra-atauação, permitiram-me pensar que minha reação foi uma contra-identificação projetiva, ante alguma vivência de minha criança sufocada pelo leite continuamente imposto.

O momento da interpretação é outro aspecto importante. Com freqüência, a interpretação durante o *acting out* é ineficaz. Nesse período, a capacidade de pensar fica reduzida, e o *insight* comprometido.

No capítulo 11, apresento o caso intitulado “O Leão e o Domador”. Trata-se de N., uma criança de 8 anos. Ela gritava insistentemente pela janela da sala de análise pedindo socorro. Dizia que um homem queria matá-la. Consegui criar tamanho pânico a ponto de, no prédio em frente, luzes acenderem-se e uma pessoa vir à janela para saber o que estava acontecendo.

Desenvolveu-se um diálogo tenso entre essa pessoa e o paciente, a ponto de eu intervir. Após alguma insistência para que N. se restringisse à sala de trabalho, e efetuadas interpretações infrutíferas, desisti de minhas tentativas de intervenção. Sentei-me numa cadeira, resignado, e disse-lhe sorrindo: “penso que o que você quer é me estrepar, me colocar em dificuldades”. Após alguns instantes, N. pôde voltar-se para mim, sorrindo com ar de triunfo, e retomar a sessão em nível lúdico e verbal.

Ainda abordando fatores que podem favorecer o desencadeamento do *acting out*, cabe recordar a importância das condições físicas do ambiente e do material de trabalho. Na análise de crianças e adolescentes na fase pubertária, a sala deve ser adequada para as atividades infantis (infanto-juvenis), de tal sorte que possa ser facilmente limpa, que a quantidade de água possa ser regulável, que haja condições de escoamento de água, eventualmente um tanque, uma roupa sobressalente, e que os vidros da sala estejam protegidos.

Os jovens, no período de transição entre o final da latência e o início da adolescência, podem solicitar algum tipo de material lúdico ou expressivo (desenho, pintura, modelagem, carpintaria), preferindo um ambiente no qual possam sentir-se mais descontraídos. Transitam entre esse ambiente e a sala de adultos. Assim, vivem no aqui e agora da relação analítica, as oscilações internas, fruto das pressões regressivas e das que o impulsionam para o desenvolvimento. O material escolhido para fazer parte da caixa deve possibilitar que o analista sintá-se à vontade ao manuseá-lo.

No trabalho com adolescentes maiores, as características da sala de análise não são tão fundamentais como no trabalho com crianças. Mais importante é a pessoa do psicanalista, pois se houver falta de flexibilidade e de compreensão às características do processo adolescente, isso certamente será um fator facilitador para a emergência de atuações desintegradoras. No capítulo 6, “O Processo Psicanalítico”, abordo outros aspectos do trabalho de análise com os adolescentes.

Pode-se dizer, em meu entender, que o *acting out* é um “aprender com a experiência”, por meio do qual vivências concretas de fantasias inconscientes podem, a partir do encontro com a função continente e interpretativa do analista, transformar-se em pensamento simbólico.

Considero, como Kay (1965), que no *acting out* a dramatização é concreta e realista em suas ações numa tentativa de controlar a realidade imediata e proporcionar gratificação. Na dramatização simbólica, a gratificação real é postergada, e uma gratificação substitutiva é experimentada.

Freud (1920), em “Além do Princípio do Prazer”, já havia feito referência ao fato de que na relação transferencial o “inconsciente, isto é, o reprimido, não apresenta resistência alguma ao trabalho curativo, busca por si mesmo abrir caminho até a consciência ou achar um exutório por meio do ato real”. Mais adiante, acrescenta: “por meio do jogo infantil, a criança elabora aspectos de vida que lhe causam intensa emoção”. Por meio da atividade lúdica, ela procura dar vazão a essas emoções e, assim, tornar-se dona da situação. Durante o jogo, a criança pode mudar sua posição em relação ao fato emocional. Deixa de ser vítima para tornar-se agente e, assim, fazer o outro sofrer aquilo que ela experimentou, vingando-se numa terceira pessoa do sofrimento que lhe foi imposto.

É dentro dessa visão que penso que o *acting out* pode ser compreendido, na relação analítica, como parte da atividade lúdica vivida concretamente durante o processo elaborativo.

O estudo do desenvolvimento da comunicação e da linguagem na infância permite-nos compreender aspectos da comunicação primitiva na relação mãe/filho, os quais se repetem na relação transferencial.

Spitz (1965), em seu livro *O primeiro ano de vida*, entende por comunicação qualquer mudança perceptível do comportamento, seja ela intencional ou não, dirigida ou não, com a ajuda da qual uma ou várias pessoas podem influenciar a percepção, os sentimentos ou as ações de uma ou várias pessoas, seja a influência voluntária ou não.

Dentro desse conceito, entendo que as identificações projetivas agem como meios de comunicação pelas influências que causam sobre o analista. É aqui que se insere o *acting out* como comunicação primitiva, reproduzindo as manifestações da vida afetiva do recém-nascido, predominantemente motóricas, decorrentes de estímulos externos ou internos.

Em situações de tensão, o recém-nascido descarrega-as por meio de manifestações emocionais difusas, motores, gritos, choros e reações neurovegetativas. Essa vazão não pode liberar permanentemente a tensão. O estímulo só pode ser removido por uma intervenção específica, advinda de fora, tal como dar alimento ao bebê, aconchegá-lo, sentindo o calor e afeto maternos. A ajuda externa é necessária. Ela é obtida despertando a atenção de alguém que eventualmente esteja por perto, por meio de manifestações não-específicas e ocasionais, por meio de gritos ou de atividade muscular difusa.

Transcrevo a seguinte citação de Spitz (1965): “Segundo Freud, essa via de descarga adquire, assim, uma função secundária extremamente importante, isto é, a de ocasionar um entendimento com outras pessoas”.

O *acting out*, como manifestação de identificações projetivas maciças, insere-se no conceito de comunicação primitiva. A etologia tem permitido estudar e confrontar o comportamento do homem com o de inúmeros animais que se comunicam por meio do comportamento, a partir de sinais posturais, sons, movimentos com características gestálticas (Nathan, 1983).

Esses padrões de comportamento não contêm uma mensagem do sujeito dirigida especificamente a um outro indivíduo. Os padrões de comportamento expressam o que Spitz chama de “um estado de mente, um humor, uma atitude afetiva que reflete a experiência imediata do sujeito”. A reação de um segundo sujeito à percepção desse padrão de comportamento pode dar a impressão de que ele compreendeu tal comportamento como uma mensagem dirigida a ele.

Entretanto, essa aparência é enganadora. Na realidade, o segundo sujeito animal também reage somente à percepção de um estímulo, e não à mensagem.

Cito este trecho da obra de Spitz para fundamentar a idéia de que nas manifestações transferenciais e contratransferenciais provocadas pelo *acting out* ocorrem reações impulsivas, sem conteúdo específico,

em resposta aos estímulos oriundos do paciente, para depois, num segundo momento, poder-se dar um significado ao estímulo recebido, e comunicá-lo mediante uma interpretação verbal ou pré-verbal.

Creio que o estudo do *acting out* merece ser aprofundado, visto ser um fenômeno psicológico de grande valia para a compreensão do funcionamento mental primitivo, em suas manifestações, na relação *transferencial/contratransferencial*.

Para concluir esta exposição, transcrevo o contraponto realizado por Azevedo à versão original deste trabalho, ambos publicados na *Revista Brasileira de Psicanálise*. As alterações efetuadas no trabalho original para esta publicação não interferem na essência do seu conteúdo original.

**BIBLIOGRAFIA**

- AZEVEDO, A. M. Contraponto ao Trabalho *acting out*: um Meio de Comunicação na Análise de Crianças. *Rev. Bras. Psicanal.*, v. 21, p. 509, 1987.
- BION, W. R. *Aprendiendo de la Experiencia*. Buenos Aires: Paidós, 1965.
- BLAY NETO, B. Estudo de uma Atuação no Desenvolvimento da Análise. *Rev. Bras. Psicanal.* v. 11, p. 129, 1977.
- DIATKINE, R.; SIMON, J. *Psychanalyse Précoce*. Paris: PUF, 1973.
- ETCHEGOYEN, R. H. *Fundamentos da Técnica Psicanalítica*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- FREUD, A. Acting out. *Int. J. Psychoanal.* v. 49, p. 165, 1968.
- FREUD, S. Más allá del Principio del Placer. *Obras Completas*. Madri: Biblioteca Nueva, 1973.
- GREENACRE, P. *Traumatisme, Croissance et Personnalité*. Paris: PUF, 1971.
- KAY, P. The Acting Out Child. In: Grune & Stratton. *Acting out: Theoretical and Clinical Aspects*. Nova York: ABT L. E. & Waissman S. L., 1965.
- KLEIN, F.; DEBRAY, R. *Psicoterapia analítica da criança*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- KLEIN, M. *Psicanálise da Criança*. São Paulo: Mestre Jou, 1969.
- KNOBEL, M. A Inclusão do *Acting Out* Terapêutico na Interpretação durante a Análise de Adolescentes. *Rev. Bras. Psican.*, v. 14, p. 47, 1980.
- KOCH, A.; BLAY NETO, B. *O Acting Out como Expressão da Personalidade Cindida*. Estudo comparativo individual e grupal. V Congresso Latino-Americano de Psicoterapia de Grupo, São Paulo, 1967.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. *Vocabulaire de la Psychanalyse*. Paris: PUF, 1973.
- LEBOVICI, S.; DIATKINE, R.; KLEIN, F.; DIATKINE-KALIMANSON, D. Mutisme et les Silences de l'Enfant. *Psychiatrie Infant*, v. 6, p. 43, 1963.
- LEVISKY, D. L. O Leão e o Domador. *Jornal de Psicanálise*, v.17, p. 24, 1984.
- MELTZER, D. *O Processo Psicanalítico da Criança ao Adulto*. Rio de

- Janeiro: Imago, 1971.
- MELTZER, D. Identificação Adesiva. *Contemporary Psychoanalysis*, v. 11, p. 289; *Jornal de Psicanálise*, v. 19, p. 40, 1986.
- MILLER DE PAIVA, L. Atuação Transferencial ou *Acting Out*. *Rev. Bras. Psicanal.*, v. 2, p. 62, 1968.
- NATHAN, T. *Psychanalyse et Copulation des Insects*. Grenoble, La Pensée Sauvage, 1983.
- PIAGET, J.; INHELDER, B. *A Psicologia da Criança*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A., 1990.
- SILVERBERG, W. V. *Acting Out versus Insight*. *Psychoanalytic Quart*, v. 4, p. 527, 1955.
- SPITZ, R. A. *O Primeiro Ano de Vida*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

---

---

# Anexo: Contraponto

Ana Maria Azevedo\*

Embora o autor refira-se ao *acting out* mais em relação à análise de crianças, minhas observações serão mais genéricas, abordando o conceito tanto em relação à análise de crianças como de adultos.

Na verdade, é meu intuito considerar o *acting out* dentro do processo analítico em geral.

Para tal, chamou-me a atenção um artigo de Eugenio Gaddini, publicado no *IJPA*, artigo este em que o autor fala do *acting out* justamente em relação ao processo analítico, considerando-o um meio útil para a elucidação de problemas referentes ao desenvolvimento precoce da mente. Aliás, diz Gaddini, “*acting out* é uma parte e uma parcela do desenvolvimento precoce e, ao lado de outros modelos de funcionamento primitivo, é por sua vez integrado em modelos mais desenvolvidos até alcançar um modelo adulto de ação” (p. 57).<sup>1</sup>

Ainda nesse mesmo artigo, Gaddini lembra uma citação de Goethe, usada por Freud, enfatizando-a (...) “poderíamos dizer que no começo foi o *acting out* (...) *acting out* deixa de fora a realidade, é mágico e onipotente” (p. 57). (A frase original de Goethe é “No começo está o ato”.)

A ênfase no aspecto básico e primário do *acting out*, dada por esse autor e, inclusive, também por David, possibilita considerá-lo não apenas como patologia, mas como talvez a única maneira que uma personalidade tem no início de sua vida a seu dispor para lidar com suas ansiedades, eliminando-as ou regulando-as, de maneira a tornar sua relação com o mundo externo e interno tolerável.

---

\* Psicanalista Didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

Considerando então como uma das formas primitivas de funcionamento, o *acting out* pode ser associado a outros aspectos igualmente primitivos da mente, o que certamente pode ajudar em sua compreensão.

Fazendo uso da teoria kleiniana e de algumas idéias de W. Bion em particular, eu diria que de imediato associo o *acting out* aos mecanismos esquizóides, à teoria das transformações, à função de *rêverie* e de continente-conteúdo, incluindo-o como uma manifestação peculiar da identificação projetiva, determinada por uma transformação específica, nem sempre passível de transformação pela *rêverie*, ou de “evolução”.

Ao fazer esta colocação, não estou inteiramente de acordo com as perspectivas que David coloca em seu trabalho, tampouco fazendo uso do mesmo referencial teórico que ele faz, embora reconheça que nossas idéias têm muito em comum.

Diz-nos David: “Dentro deste conceito, entendo que as identificações projetivas agem como meios de comunicação pelas influências que causam sobre o analista. É aqui que se insere o *acting out* como comunicação primitiva”.

De um modo geral, concordo com a afirmação do autor; no entanto, não posso deixar de perceber algumas “nuanças” entre minha maneira de ver a questão e o que David nos traz, principalmente no que se refere à função e uso dos dois conceitos, “identificação projetiva” e *acting out*.

Penso que não há dúvida de que em todo *acting out* é possível distinguir e, às vezes, perceber uma fantasia de identificação projetiva, porém é certo também que nem toda identificação projetiva é *acting out*.

Penso que o que os aproxima ou distancia são justamente suas diferentes funções, obviamente em diferentes situações.

Como já mencionei anteriormente, e de acordo com Gaddini, a função do *acting out*, estaria na verdade sempre ligada à necessidade de livrar o ego da ansiedade, regular a tensão e, principalmente, evitar o reconhecimento de si mesmo e da separação (Gaddini, p. 57).

Mas como o *acting out* expressa-se por meio de uma fantasia de identificação projetiva, e as identificações projetivas podem ter essa função de comunicação, entre outras, o uso do *acting out* pode então ser associado à função de comunicação. Desde que a fantasia de identificação projetiva que ele veicula seja captada pelo analista, e desde que este possa elaborá-la fazendo uso da sua função alfa e da *rêverie*, transformando o que inicialmente se constituía em fragmentos de elementos beta



em elementos alfa, aquilo que inicialmente se expressava como um *acting out* passa a ser então considerado como um elemento passível de ser usado para o pensamento, adquirindo a função de comunicação.

De meu ponto de vista, no entanto, não é o *acting out* em si que seria o meio de comunicação, mas sim a fantasia de identificação projetiva que ele veicula, pois esta é que pode ser transformada em comunicação. Ocorre-me pensar que o termo *acting out* poderia até passar a chamar-se *acting in*, desde que funcionasse como colaboração no processo analítico, transformado pelo analista e reintrojado pelo analisando, e apenas dentro das condições acima referidas é que cumpriria a função de comunicação.

Pessoalmente, eu reservaria o termo *acting out* para experiências de obstrução e interferência no processo analítico, ou para experiências de descarga motora que não são seguidas de elaboração e transformação. O que o caracteriza então como termo psicanalítico seria sua função em manter um estado de não integração, de impedir o processo e o trabalho psicanalítico.

O fato de ser a via motora o meio por excelência (mas não o único) do *acting out*, caracteriza-o como expressão primitiva e não desenvolvida da mente, mas não modifica a consideração de que estão presentes num *acting motor* todos os mecanismos esquizóides, isto é, a cisão, a fantasia onipotente e a projeção identificativa, e estes sim podem ou não ser passíveis de *rêverie* pelo analista.

Laertes Ferrão oferece-nos uma definição de *acting out*, num artigo seu publicado na *RBP*, que se aproxima a meu ver da definição usada por David em seu trabalho.

Diz Ferrão: “É uma ação motora, geralmente organizada, que expressa e objetiva uma fantasia onipotente de identificação projetiva, tendo esta última a finalidade de diminuir o incremento de tensão psíquica pela evacuação de partes do self e objetos internos, envolvidos no conflito intolerável, e que surge quando há incapacidade para pensar”.<sup>2</sup>

David traz, para ilustrar suas considerações teóricas no trabalho, extratos de sua experiência clínica com um analisando de 8 anos, chamado Alberto.

Relata-nos David que, desde seu encontro com o analisando Alberto, este já apresentava o *acting out* como comportamento característico em outras situações de sua vida. Ora, isso faz supor que essa criança na verdade nunca desenvolveu as condições mínimas necessá-

rias (apesar de sua pouca idade) para fazer uso de outras possibilidades, como a fala com função simbólica, e que talvez tenha ficado privada em sua evolução de certas condições que lhe permitiriam ter desenvolvido essas funções. No dizer de Ferrão, Alberto enfrenta dificuldades para desenvolver o pensamento, não podendo, portanto, tolerar suas angústias, tendo de atuá-las.

Desde as primeiras sessões, David pôde observar as dificuldades de Alberto em relação à separação, fazendo este muitas vezes uso da mãe para atuar em seu lugar. É justamente esse um dos aspectos enfatizados por Gaddini em seu artigo. A criança tem de desde muito cedo (logo ao nascer e, também, no desmame) reconhecer-se como separada da mãe e encontrar meios para lidar com a ansiedade que esta “cisão” lhe provoca. Estas “cisões” marcam sem dúvida o começo dos processos mentais que serão fundamentais daí em diante para a existência dessa mente.

Diz David no início do artigo: “As angústias ante a perspectiva de separação eram evidentes (...) Gostava de brincar com água, mas não aceitava limites”.

Parece-me que o autor está bem próximo da colocação de Gaddini ao reconhecer nesse analisando uma “falha” na elaboração da separação e na estruturação de si mesmo.

Nessas condições, Alberto precisa usar o *acting out* não apenas para diminuir seu grau de ansiedade e tensão, mas também por ser este o único meio que tem a seu dispor, meio este que não o deixa sentir-se só, separado e diferente do analista. Alberto, não tendo desenvolvido suficientes condições, não pode ainda pensar, nem simbolizar. Usa da identificação projetiva maciça, provavelmente não apenas pela via motora, mas por qualquer meio projetivo que torne possível evacuar elementos beta indesejáveis.

Uma hipótese que se coloca quase que imediatamente diz respeito a “falhas” na sua relação inicial com a mãe, bem como possíveis intolerâncias básicas às frustrações e inveja excessiva.

São hipóteses pertinentes, não as únicas, porém hipóteses bastante utilizadas atualmente pelos seguidores da escola kleiniana.

Sem descartá-las, gostaria de chamar a atenção para uma questão que me parece interessante e diz respeito a uma tradição verbal, não apenas na nossa cultura, mas também de Psicanálise, e que vem dominando desde Freud, tradição esta que muitas vezes talvez dificulte nosso trabalho com pacientes “difíceis”.

Nesse caso particularmente parece-me que essa observação é pertinente. O analista, movido pelas identificações projetivas, tende a repetir talvez o procedimento dos pais de Alberto e tem dificuldades de aceitá-lo com suas condições.

Essas são apenas conjecturas minhas, mas na verdade o relato de David sugere-me em certos momentos que o analista “deseja” que Alberto possa falar e deixar de atuar, que funcione de forma adequada e permita-lhe interpretar. Alguns dos “artifícios da técnica”, como chama David, provavelmente decorrem desse desejo.

Mas quem de nós não se sentiria assim com analisandos como Alberto? O que penso poder ser útil e talvez possibilitar algum conhecimento é a percepção de como tais “desejos” apenas aumentam a angústia e provocam mais atuação, já que para o analisando não há outra maneira de acalmar a angústia.

Quando me refiro à tradição verbal da Psicanálise e a trago aqui para alguma consideração, penso no perigo que pode constituir, por exemplo, uma ênfase exagerada no verbal, que acabe por prejudicar uma observação da experiência psicanalítica de forma mais ampla.

Até certo ponto, é verdade que um analisando que pode expressar-se com palavras, sem fazer uso muito constante de atuações, é mais desenvolvido, pelo menos no que diz respeito à sua capacidade de usar símbolos. No entanto, se levarmos em conta atuais trabalhos e contribuições de Betty Joseph, a conceitualização tradicional de *acting out* tende a sofrer alterações.

Em *El paciente de difícil acceso*, Betty Joseph usa o termo *acting out* transferencial referindo-se a comportamentos e verbalizações que os analisandos desenvolvem dentro da situação analítica, e os quais teriam a função de “driblar” o analista e manter um estado de coisas conhecido, evitando o progresso e a integração.

Mas ao mesmo tempo, Betty Joseph propõe que tais *actings* podem ser utilizados como comunicação, desde que o analista não se prenda às palavras que são ditas ou aos movimentos feitos, mas possa estar disponível para captar a “atmosfera” de relação analítica e aí interpretá-la. Isto sendo possível, o *acting out* transferencial serviu como veículo de comunicação.

“Gostaria de acrescentar que, ao transcrever o material de um caso, é extremamente difícil refletir o *acting out*, que, depois de tudo, é essencialmente intuído pelo efeito que as palavras do paciente produzem no analista e pelo clima que se cria” (p. 152).<sup>3</sup>

Penso que Betty Joseph refere-se à fantasia de identificação projetiva que pode ser “intuída” e captada pelo analista, transformando-se então em comunicação. David menciona em seu trabalho a importância de a transferência e, principalmente, de a contratransferência do analista serem consideradas, de forma a tornar possível a elaboração que está acontecendo na dupla.

Diz ele: “Ainda que eu interpretasse ou tentasse colocar limites ou lhe explicasse as vantagens que poderia usufruir buscando outras vias de expressão e modo de relação por meio do brincar, do desenhar, do falar, nada disso colaborava para diminuir o *acting out*”.

De fato, penso que a intensidade das identificações projetivas, ocupando “espaço” na mente do analista, tende a movê-lo, isto é, a fazê-lo atuar também em resposta ao paciente. O “desejo” de sair de uma situação tão incômoda como essa, que funde os participantes da dupla e os amarra numa relação estéril, só pode ser atenuado pela elaboração da contratransferência.

Diz Betty Joseph: “Considerarei que a colocação do problema correspondia a um tipo de *acting out* destinado a esterilizar-me e a esterilizar meu trabalho e evitar um novo esclarecimento, mais do que uma tentativa de aumentar ou utilizar a compreensão”.

Para finalizar, gostaria de congratular-me com David e salientar um momento de seu trabalho no qual, penso, minhas idéias fundem-se com as dele, refletindo uma espécie de conclusão do que acredito possa ser nossa postura em psicanálise, seja em relação ao *acting out*, seja em relação a qualquer outro fenômeno relacional. Diz David: “Penso que essa capacidade criativa do analista de encontrar em seu inconsciente um caminho que lhe permita penetrar no mundo inconsciente do seu paciente corresponde ao aspecto criador do artista. O lidar com o *acting out* é, a meu ver, uma dessas artes”.

O “psicanalisar”, eu diria, cada vez mais se aproxima de uma arte, em que o conhecimento teórico, aliado à intuição e à criatividade, precisa harmonizar-se de forma a abrir caminho em direção àquilo que ainda nos é desconhecido.

Sem preconceitos, nem desejos, podemos aprender muito com Alberto, e provavelmente ajudá-lo a conhecer algo de si mesmo. Essa talvez é a função do *acting out* de Alberto como expressão primitiva de sua mente, o qual ainda não desenvolveu condições suficientes de

integração e diferenciação, precisando a todo o custo evitar o contato com a realidade e a separação.

David nota um outro aspecto nas relações familiares de Alberto que me parece também fundamental para a compreensão de sua conduta. Eis suas palavras: “A dinâmica familiar ainda me faz pensar que um dos aspectos do *acting out* de Alberto em sua relação com os pais tinha a finalidade de uma rebelião positiva, no sentido de ‘alertar as autoridades constituídas’, os pais, de que algo estava perturbando a relação real entre pais e filhos. Possuía também o sentido de uma busca de autonomia, de uma luta, ainda que com armas inadequadas, pela conquista de um espaço vital e mental próprio”.

Não havendo na análise “autoridades constituídas”, o analisando pode então vir a encontrar sua autonomia, seu espaço, e talvez os *acting out* e outras lutas estéreis tornem-se desnecessárias.

## NOTAS

- <sup>1</sup> GADDINI, E. Acting out in the Psychoanalytic Session. *IJPA*, nº 63, pt. 1, 1982.
- <sup>2</sup> FERRÃO, L. Acting out e “Identificação Projetiva”. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 1, nº 2, p. 193, 1967.
- <sup>3</sup> JOSEPH, B. El Paciente de Difícil Acceso: In: GRINBERG. *Práticas Psicanalíticas Comparadas in las Neuroses*. Buenos Aires: Paidós, 1977.